



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Diversidade e Diferença: caminhos que se entrelaçam e se repelem

Diversity and difference: paths that intertwine and repel

Ana Cristina Fournier¹

Resumo: O texto aborda um dos capítulos de uma pesquisa realizada com egressos trans de um pré-vestibular. O eixo que será compartilhado é uma reflexão teórica sobre a *diferença* e suas relações com a *diversidade*, pensando nesse diálogo para os espaços educacionais e demonstrando que é possível o exercício de práticas mais éticas. O objetivo dessa reflexão tem a intenção de colaborar com os profissionais de educação na valorização das diferenças, para que as escolas não reproduzam preconceitos e, desta forma, caminhem em consonância com preceitos dos direitos humanos. Universalizar a diferença é uma maneira de tentar tornar o outro igual, porém a tentativa sempre será dada num contexto de padrões dominantes que evidenciará uma adequação até então esperada.

Palavras-Chave: Trans. Diferença. Diversidade.

Abstract: The text addresses one of the chapters of a research carried out with trans graduates from a pre-university entrance course. The axis that will be shared here is a theoretical reflection on difference and its relationship with diversity. To think about this dialogue for educational spaces and demonstrate that it is possible to exercise more ethical practices. The purpose of this reflection is intended to collaborate with education professionals in valuing differences, so that schools do not reproduce prejudices and, thus, walk in line with human rights precepts. Universalizing the difference is a way of trying to make the other equal, however the attempt will always be given in a context of dominant patterns that will show an adequacy expected until now.

Keywords: Trans. Difference. Diversity.

¹ Mestra em Educação, Cultura e Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – FEBF. Especialista em Controle e Gestão Ambiental pela Universidade Gama Filho – UGF. Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP. Graduada em História pela Universidade Augusto Mota. Tutora a distância pelo consórcio CEDERJ/CECERJ. ana.fournier@hotmail.com. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-7674-1978>.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

1. Introdução

Os egressos fizeram parte de um pré-vestibular que trabalha com o público que não se adequa ao recorte de gênero e sexualidade imposto por um binarismo e que esteja ou não em condição de vulnerabilidade social. Os entrevistados se declararam como mulheres trans ou homens trans. Nesse sentido, torna-se necessário a compreensão de que as pessoas transexuais rompem com condições sociais hegemônicas referentes às funções estabelecidas de gênero e de sexo.

A sociedade aponta o que é feminino e o que é masculino a partir de posições contrárias e fixas, posições que são remexidas pelas pessoas trans. Bento (2006) argumenta que a transexualidade é um aspecto da sexualidade que fomenta o avanço do entendimento da própria sexualidade para além dos modelos binários, tanto para o sexo como para o gênero.

A autora fomenta a importância de desestabilizar tudo aquilo que parece natural e a conformação de como cada pessoa manifesta seu gênero e afirma que ser transexual transcende a questão da aparência ou da aceitação genital.

Uma forma de sexualidade acaba sendo naturalizada e vai se estabelecendo como referência para as pessoas. A heterossexualidade é concebida como universal e normal. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais (LOURO, 2000, p. 10).

Esse grupo trava uma luta pelo reconhecimento, para serem legitimamente vistos/as a partir de suas próprias percepções. Para Bruns e Pinto (2003), as pessoas trans demonstram que o gênero é uma construção sócio-histórica em que os conceitos de feminino e masculino são plurais e não pré-concebidos ou fixos.

A partir das experiências escolares compartilhadas pelos entrevistados na pesquisa citada, pode-se aferir que a cultura escolar, na maioria das vezes, trabalha com a perspectiva da homogeneidade na educação formal. Existe a intenção de facilitar a prática e não a de fomentar questões que podem expor as diferenças dos estudantes,



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

como se a diferença só existisse em alguns estudantes ou em alguns grupos e não em cada um de nós.

Gómez (2000) contribui com tal entendimento quando afirma que as práticas escolares não podem abranger uma homogeneidade de ritmos ou experiências educativas. O sujeito que adentra no percurso escolar trará a diversidade e a diferença, visto que se diferencia emocionalmente e socialmente de outros sujeitos que iniciarão o mesmo processo. “O tratamento uniforme não pode supor mais do que a consagração da desigualdade e injustiça de sua origem social” (GÓMEZ, 2000, p. 23).

O presente artigo tem como objetivo apresentar diálogos possíveis entre a diferença e a diversidade, e sobretudo, focar na emergência do entendimento acerca da diferença para que educadores e educadoras possam contar com essas informações, inclusive relacionando-as com as questões de gênero e sexualidade em suas experiências educacionais. Para tanto, é necessária uma compreensão sobre os aspectos que se relacionam e os que não se relacionam entre os dois temas, já que a diversidade pode se mostrar como um grande “guarda-chuva” que pode unir as diferenças. Entretanto, esse caminho pode projetar as diferenças para a invisibilidade.

O fomento pelo trabalho com a diversidade nas escolas demonstra uma reflexão social necessária que pode revelar um percurso de possíveis respostas às demandas dos mais diversos grupos sociais e culturais. Ainda se acolhem os discursos de coletividades e comunidades, como: “os movimentos sociais – negro, feminista, indígena, homossexual, entre outros – que reivindicam, há décadas, o reconhecimento e inserção social e política dos particularismos étnico-raciais e culturais” (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011, p. 86). Por outro lado, utilizar a diversidade em quaisquer contextos pode potencializar uma estratégia de esvaziamento das diferenças.

A Declaração da UNESCO acerca da diversidade cultural aponta para a elaboração de políticas que é evidenciada no 2º artigo:

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais, a um só tempo, plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os

Áskesis, v. 10, nº. 02, p. 111-130, Jul-Dez, 2021

ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.46269/10221.576



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural (Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, 2002, p. 02).

A diversidade é abraçada nas instituições e nas escolas, porém tal feito não basta para que as diferenças sejam respeitadas e mesmo os trabalhos com a diversidade podem não incluir os diferentes nas diversas ocasiões.

Face ao exposto, iniciam-se algumas problematizações para o fomento das estratégias de diálogos nos espaços escolares e educativos. A diversidade tem muitas versões e não implica especificamente na negação da diferença individual. Os dois não são necessariamente incompatíveis, por isso não devem ser colocados em oposição.

2. Diferença e diversidade

O fomento à diversidade reivindica espaços de reconhecimento e não deixa de ser uma estratégia que responde ao arranjo social pertinente em nossa sociedade, mesmo em um modelo hegemônico estruturado. As discussões a respeito da diferença vêm, em geral, apoiando-se em “um vago e benevolente apelo à tolerância e respeito para com a diversidade e a diferença” (SILVA, 2015, p. 73).

O termo “diferença” pode dialogar com os impasses educacionais e trazer possíveis percursos para se pensar a escola. Bento (2006) afirma que a riqueza de uma nação está na compreensão de uma sociedade diversa e plural que entenda a diferença como uma condição do próprio ser humano, e não como uma anormalidade.

Burbules (2003) salienta que os diálogos referentes à diferença e à diversidade ampliam as possibilidades de se pensar as novas existências humanas, as escolhas diferentes das que existem hegemonicamente, e, dessa forma, aprendizagens serão adquiridas ao se conhecer modelos de vida alternativos. Tais experiências já fazem parte de nossa sociedade e não deixarão de existir, independente de se querer conhecê-las ou não.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

Abramowicz, Rodrigues e Cruz (2011) apresentam noções sobre tais conceitos. A primeira noção é aquela que trata a diversidade e/ou as diferenças como contradições que podem ser harmonizadas, utilizando-se, por exemplo, a tolerância para tal harmonização. O dever de tolerar o que é diferente quer dizer ter de suportar, aturar, permitir, ou seja, demonstrar superioridade sobre o outro e as diferenças que se manifestam não são para serem toleradas. A diversidade pode ser promovida e, ao mesmo tempo, pode debruçar-se para as diferenças.

A segunda noção é a utilização da palavra “diversidade” ou “diferença” como uma maneira de aumentar as demarcações do capital, através da comercialização dos territórios de existência e das formas de vida; e, por fim, a dimensão que enfatiza as diferenças como produtoras de diferenças que não se apaziguam, visto que elas não se apresentam como contradições ou contrárias.

A temática da diversidade, a partir da década de 90, tornou-se um tema transversal no que tange ao currículo:

O documento sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) é apresentado como um currículo mínimo de conteúdos a serem ofertados no sistema educacional. Cabe destacar as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais como uma política educacional dirigida para uma educação na perspectiva da diversidade. Logo de início o documento afirma que a educação deve ser voltada para a cidadania, os vários termos como Ética, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo e Pluralidade Cultural são tratados como temas a serem incorporados, seguindo uma conexão entre a realidade social dos estudantes e saberes teóricos, aos campos gerais do currículo (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011, p. 90).

A relação entre a vida social dos estudantes e os conteúdos trabalhados nos espaços escolares pode demonstrar um aspecto central que auxilia os temas sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

No debate nacional, algumas ações são incluídas sobre a égide da diversidade e não da diferença. O movimento negro, por exemplo, segundo Abramowicz Rodrigues e Cruz (2011), articula a questão da raça como uma categoria analítica e de luta política, dimensão também incorporada pelo movimento como uma tática da luta.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

O diálogo entre os diferentes grupos é possível, e nessa perspectiva,

[...] é possível identificar nestas matrizes que a diversidade tem um caráter universal, pois é uma síntese que totaliza as diferenças, ou seja, as diferenças e as diversidades se configuram como cultura que, por esta via, podem então ser trocadas. Uma das problemáticas decorrentes é que a cultura acaba perdendo sua matriz singular e torna-se um conceito universal, como o biológico. Propostas como a criação de currículos comuns, buscando o que é comum entre as culturas, são correntes no campo educacional. Ao fazer isso, há um processo de tornar estas culturas componentes de uma universalidade, supondo-se possível retirar a estratificação que o poder opera, ou supor que não há relações de poder (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011, p. 92).

A perspectiva pós-estruturalista aponta para a impossibilidade de um processo totalizante, de um processo que abranja outros processos mais específicos. Para essa vertente, a diferença não se atenua, visto que a função da diferença não é apaziguar, e sim, diferir: “a cada repetição extrai uma diferença, ou seja, diferenças geram diferenças. A diferença vai de encontro às identidades, já que tem por função borrá-las” (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011, p. 92-93).

O tópico da “diferença” tem se situado no primeiro plano da reflexão nos estudos de educação e nos estudos culturais. Em parte, uma ênfase na diferença, e principalmente nas interpretações pós-estruturalistas da diferença, é expressão da desconfiança pós-moderna em relação à “metanarrativas” e discursos unificadores em geral. Ao mesmo tempo, é também a expressão de uma tendência política, um quadro de referências com base no qual os grupos podem discutir sua singularidade e traços distintivos em contraposição à concepção de comunidade, solidariedade ou consenso Liberal, que tendem a enfatizar necessidades e interesses comuns (BURBULES, 2003, p. 159).

Problematizar a diferença, segundo Burbules (2003), sugere um desafio, já que a reflexão pode ser apresentada a partir de entendimentos errôneos. As compreensões equivocadas relacionadas aos objetivos educacionais fazem crescer a defesa por ambientes educacionais organizados em torno de grupos mais homogêneos. Dessa maneira, manifesta-se a tensão entre homogeneidade e diversidade na prática educacional contemporânea:



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

Por um lado, o desejo de usar a educação para tornar as pessoas mais parecidas [...] e por outro lado, o desejo de atender diferentes necessidades e formas de aprender as diferentes orientações culturais e as diferentes aspirações a respeito de trabalho e modo de vida, representadas pela diversificada população de alunos das escolas públicas (BURBULES, 2003, p. 161).

Desse modo, as tensões entre homogeneidade e diversidade vêm aparecendo constantemente nas teorias e práticas da educação moderna. Por um lado, o desejo por uma educação que possa oferecer iguais possibilidades e que atinja um número maior de pessoas ganha peso, e por outro, busca-se atender às particularidades de um grupo cada vez mais heterogêneo.

Brah (2006) afirma que um caminho possível para a desejada prática educacional, no que tange às diferenças, é a valorização dos grupos que se encontram eliminados de um currículo que se baseia no eurocentrismo e na heterossexualidade. O trabalho com a diversidade nas escolas acaba valorizando os grupos marcados pelas diversas diferenças que se apresentam, mas não torna notáveis as diferenças entre os sujeitos que se encontram no interior desses grupos.

Citando um caso parecido, Burbules (2003) exemplifica:

Quando os professores exercem uma curiosidade ou um deslumbramento pela linguagem vivenciada nas comunidades, mas eles mesmos fazem parte de uma linguagem hegemônica que pode excluir ao invés de incluir, tencionam um “saber legítimo” que é imposto aos grupos dominados. Diante dessa questão, acabam atuando com tolerância em relação a uma série de diferenças para adentrarem no grande bordão do “somos todos basicamente iguais” (BURBULES, 2003, p. 162).

Notoriamente, existe uma multiplicidade de formas de como a diferença pode ser construída, “o conceito de diferença se refere à variedade de maneiras como discursos específicos da diferença são constituídos, contestados, reproduzidos e ressignificados” (BRAH, 2006, p. 374).

Com o propósito de iniciar algumas reflexões, Burbules (2003) afirma, em um primeiro contexto, que existem duas formas principais para se pensar a diferença: uma é através da classificação/categorização, o que para o autor é uma visão problemática, já



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

que favorece as desigualdades sociais e as classes dominantes; e a outra forma é pensar dentro do pressuposto da semelhança e depois tentar classificar as diferenças como desvio de modelo. Nesse caso, contra-argumenta que é preciso assumir a diferença como uma condição geral.

Ao manter as diferenças entre as categorias e normas que são coerentes com os interesses dos grupos dominantes, e às vezes defendidas por eles, os discursos da diversidade são uma forma de domesticar a diferença, permitindo-lhe “livre expressão”, mas em um âmbito extremamente limitado, além disso um âmbito que é implícito, e que não se abre facilmente à renegociação ou à contestação (BURBULES, 2003, p. 173).

Demonstrar abertura pode ser um aspecto de esperança para algumas populações que se inserem em uma sociedade, da qual todos fazemos parte. Uma escolha que proporcionará para muitos sujeitos uma melhoria da qualidade de vida, além de mais esperança para seguirem a vida sendo quem são.

É sabido que existem relações de poder em todas as direções e relações que advêm da sociedade, e na perspectiva dos interesses hegemônicos é importante que se percebam os predomínios dos que se encontram na invisibilidade no contexto escolar e que acabam dependendo dos olhares daqueles que olham e decidem (pensando hegemonicamente). Conforme Brah (2006), os marcadores da diferença são produções que constroem tanto a posição de opressão como a de privilégio.

Burbules (2003) segue explicando que a diferença é uma noção fluida e transitória e ressalta o perigo de quando se define diferença como diversidade, já que as diferenças no interior dessa diversidade acabam não sendo pronunciadas. O autor salienta que a diferença e a diversidade não possuem significados iguais, no entanto, por muitas vezes são palavras utilizadas como se fossem sinônimos, mesmo existindo diferentes entendimentos sobre o que seriam “diversidade” e “diferença”. Em geral, essa “igualdade” entre esses conceitos esconde desequilíbrios coletivos e, especialmente, as diferenças.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

O autor ainda ressalta que existe uma série de pressupostos em relação à diversidade: o jargão “somos todos iguais” apresenta-se como sinônimo de “você são como nós” (ou deveriam ser); a posição da tolerância à diversidade, de forma geral, acomoda as características que são vistas como hegemônicas, inibindo outras diferenças possíveis. Tudo isso pode causar danos e sofrimentos, uma diferença que é julgada como num quadro de referências, sempre a partir de um ponto, sendo esse ponto sempre o mais “apropriado”.

Procurando ser mais específico e dando ritmo pedagógico para um maior entendimento sobre essas questões, Burbules (2003) aponta cinco formas para se entender a diferença associada à diversidade. São elas:

- *A diferença como variedade*, de abordagem categorial, referindo-se a diferentes tipos no interior de uma categoria particular, como diferentes tipos de árvores;
- *A diferença em grau*, pontos diferentes de um ponto contínuo e coerente, de mesma qualidade, mas em distintos graus, como os testes de QIs;
- *Diferença de variação*, uma combinação diferente de certos elementos, mas mantendo os elementos básicos, como as variações musicais;
- *A diferença de versão*, como uma variação, não altera o conceito chave, mas difere as interpretações, deixam inalterados os elementos chaves de um modelo, dando sentidos diferentes, como diferentes versões de uma peça de teatro; e
- *Diferença de analogia*, mesmo quando a diferença é única, atende a um quadro de referência semelhante a um outro contexto, diferenças relativas não a modelos comuns, mas a modelos paralelos comparáveis, como, por exemplo, A está para B como C está para D.

Essas cinco formas representam a diferença como diversidade, “como pontos ternos de comparação e contraste, mais do que como elementos de uma identidade vivida, representada. Também dão uma atenção insuficiente ao caráter da diferença (BURBULES, 2003, p. 172).” Entretanto, as diferenças apontadas auxiliam o entendimento sobre as formas de diferenciações na dimensão de um discurso da



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

diversidade, apesar de todos os discursos da diversidade estruturarem a diferença de uma forma limitada.

A noção da diversidade usada no discurso liberal para dar uma ilusão de harmonia pluralista. Essa harmonia reprimida só é conquistada com base em termos tácitos de normas sociais construídas e administradas pelo grupo dominante para criar uma ilusão de consenso. É uma noção ideológica que obscurece o exercício do poder. As normas sociais no interior do quadro de referências em que a diversidade é valorizada só servem para conter expressões de diferença cultural (BURBULES, 2003, p. 172-173).

O conceito da diferença não assegura uma perspectiva consensual; as diferenças são vividas, mudam nos percursos, mostram-se de outras formas, não fomentam semelhanças, e, por isso, qualquer tentativa de classificação será desapontada, salienta Burbules (2003).

O autor, assegurando um maior aprofundamento, sugere o entendimento de mais três formas da diferença além das já citadas: *a diferença além*, *a diferença no interior* e *a diferença contra*. *A diferença além* caracteriza-se não apenas como um indicador da diversidade, mas uma qualidade pertencente às convivências societárias, um questionamento aos quadros de referências. Como exemplo, o autor cita a construção de uma família: todos conhecem os possíveis contextos, porém existem culturas que não realizam nenhuma prática desse tipo e não sabem como nominar as “relações de família” como a nossa sociedade entende e conhece. Nesse sentido, essas diferenças causam perplexidade e estranheza.

A diferença no interior indica que as categorias não são totalmente estáveis, trazendo que a “coerência” da identidade (uma coisa é o que é) deve ser compreendida na relação de diálogo e julgada contra um padrão de normalidade. Como exemplo, o autor aponta o estereótipo masculino, que apresenta características físicas que vão ao encontro de uma normalidade esperada, porém várias vivências dos estereótipos masculinos não condizem com o que se espera, como no caso da homossexualidade. Aqueles que não se enquadram vivem essa diferença, expressando-se, brincando e transgredindo as normas estabelecidas. E por que não fomentar que todas as pessoas



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

possam viver demonstrando quem são em seu interior e nem por isso serem vistas como “os diferentes”?

Por último, Burbules (2003) sugere a *diferença contra*, apontada como uma forma de questionamento aos discursos dominantes, incorporada mais amplamente à dinâmica social e política de nossa sociedade. Como exemplo, explica a expectativa da sociedade que o indivíduo trabalhe, case e tenha filhos, mas que muitos desejam seguir outros percursos e buscam outras coisas, não só casar e ter filhos.

Essas três versões apontadas por Burbules (2003) sobre a diferença representam uma crítica teórica às visões categoriais e às visões de tolerância,

[...] quanto uma crise política da versão liberal do pluralismo que enfatiza a compreensão e a tolerância (sim, e “diálogo”) entre as diferenças – mas as diferenças que são dadas, definidas dentro dos limites que não prestam atenção suficiente às dimensões contestadas, instáveis e cambiantes da diferença à medida que as pessoas as vivem e representam. Esses discursos, de formas diferentes, embora relacionadas entre si, discutem formas de diferenças não assimiladas – diferenças que resistem à categorização ou comparação em termos do semelhante (BURBULES, 2003, p. 178).

A escola se apresenta como um espaço de normatização que reflete e reproduz os comportamentos sociais. Não diferentemente acontece com a questão de gênero e sexualidade. O ambiente escolar possui como modelo central a vivência das práticas afetivas e sexuais nos moldes da heterossexualidade. Assim, tudo que diverge desse contexto se apresenta como diferente e de difícil aceitação, reforçando práticas muitas vezes preconceituosas e discriminatórias para com as outras formas de sexualidade.

Estudiosos que se alinham às compreensões emanadas do pensamento pós (aqueles estudos que tentam superar a perspectiva anterior, apresentando novas formas de olhar e refletir o mundo) procuram estabelecer uma clara distinção entre diferença e diversidade:

[...] o termo diversidade é ligado à ideia de tolerância ou de convivência, e o termo “diferença” é mais ligado à ideia de reconhecimento como transformação social, transformação nas relações de poder, do lugar que o Outro ocupa nelas. Quando você lida com o diferente, você também se transforma, se coloca em

Áskesis, v. 10, nº. 02, p. 111-130, Jul-Dez, 2021

ISSN: 2238-3069 / DOI: 10.46269/10221.576



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

questão. Diversidade é “cada um no seu quadrado”, uma perspectiva que compreende o Outro como incomensuravelmente distinto de nós e com o qual podemos conviver, mas sem nos misturarmos a ele. Na perspectiva da diferença, estamos todos implicados(as) na criação desse Outro, e quanto mais nos relacionamos com ele, mais o reconhecemos como parte de nós mesmos, não apenas o toleramos, mas dialogamos com ele sabendo que essa relação nos transformará (MISKOLCI, 2012, p. 15-16).

3. Compondo a diferença com o gênero e a escola

Retomando o contexto relacional com os trans da pesquisa que resultou nesse artigo, o trabalho com a diversidade, no recorte de gênero e da sexualidade, não acontece de forma com que todos os diferentes se sintam representados. É fundamental entender que os jogos de oposição (homem/mulher, macho/fêmea, menino/menina) não auxiliam as pessoas trans. Tratar o masculino/feminino como contrários reafirma uma questão de poder, onde um deles sempre exercerá uma influência sobre o outro, e isso acontece com todos os dualismos. É como se estivessem sempre em oposição e que nunca pudessem se complementar.

O gênero é social e vai além do sexo biológico. Entretanto, o que é fundamental é a autopercepção e a forma como o indivíduo se expressa socialmente.

Na tradição dualista, natureza e cultura estão separadas, e o corpo, localizado no âmbito da natureza, é negado na instância da cultura. Argumento contra esse pensamento dicotômico. Centralizando a análise nas dimensões de gênero e sexualidade, passo em revista teorizações que vão do determinismo biológico ao construcionismo social, buscando problematizar o uso genérico e banalizado da expressão "construção social". Assumo que, tal como o gênero, a raça ou a classe, a sexualidade também precisa ser compreendida no âmbito da história e da cultura. Em consequência, algumas identidades gozam de privilégios, legitimidade, autoridade; outras são representadas como desviantes, ilegítimas, alternativas (LOURO, 2000, p. 59).

É preciso problematizar estratégias que normalizam, é preciso dificultar os caminhos daqueles que tencionam enquadrar os diversos modos de viver. Continuamente, é necessário se empenhar em combater os que elaboram e protegem as categorias e as delimitações com o foco na manutenção dos poderes no dia a dia.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

Louro (1997) salienta que o masculino é a norma, é a regra, e que, por isso, os estudos de gênero são importantes. A autora aponta o gênero como uma das dimensões da vida e afirma que as mulheres e os homossexuais, historicamente, têm sofrido mais. De certa maneira, o universal é pensar o masculino, mas é importante se dar conta de que a masculinidade é produzida na vida. O homem vai se fazendo homem ao longo da vida, como a mulher vai sendo produzida também.

Como garantir o direito à diferença nas escolas que ainda entendem que as diferenças estão apenas em alguns alunos, naqueles que são negativamente compreendidos e diagnosticados como os problemáticos, os doentes?

O discurso sobre a “sociedade diversa” gera materiais didáticos no campo da educação. É bastante confusa a decisão sobre quais os conceitos que precisam ser trabalhados nas salas de aula. O emprego impreciso das palavras diversidade e diferença serve para esvaziar o social e o político do que significam tais palavras. Esvazia a diferença, já que o objetivo é a retirada da diferença da diversidade, ou seja, quando se fala de diferença é para que ela não faça, de fato, nenhuma diferença (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011).

Com padrões únicos de análise e julgamento, classificam-se o “outro” como inferior ou fracassado e, nesse modo de compreensão da diferença, “propõe-se a tolerância a alguns coletivos: as classes populares, os negros, os homossexuais, mas ainda os vemos como aqueles que não sabem, inferiores.” (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011, p. 94).

As pessoas trans não desejam tolerância, pois não são inferiores a ninguém. O racismo, a discriminação, a violência e o preconceito excluem a diferença, colocando-a no lugar do desvio, e nossa sociedade atua ativamente em favor dessa lógica.

Bento (2011) salienta que, quando uma criança nasce, encontra uma complexa rede de desejos e expectativas para o seu futuro, levando-a em consideração para projetá-la ao fato de ser um/uma menino/menina, ou seja, ser um corpo que tem um/uma pênis/vagina.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

Ainda conforme a autora, existe uma estrutura arquitetada e presunções sobre gostos, vivências e modos de se relacionar que acabam antecipando resultados ou influências que se julgariam antes dos porquês. Esse caminho inicia um processo de comprometimento desse sujeito de várias maneiras. É sobre atribuir um aspecto de gênero, propostas já evidentes no nascimento.

Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem. A declaração "É uma menina!" ou "É um menino!" também começa uma espécie de "viagem", uma viagem é defendida, no dicionário, como um deslocamento entre lugares relativamente distantes e, em geral, se supõe que tal distância se refira ao espaço, eventualmente ao tempo. Mas talvez se possa pensar também, numa distância cultural, naquela que se representa como diferença, naquele ou naquilo que é estranho, no "outro" distanciado e longínquo (LOURO, 2004, p. 15).

Pensar nesse "outro" distanciado e estranho às nossas percepções estimula uma violência cometida contra as pessoas trans, tratando a diferença como aquilo ou aquele que é estranho, o que vem do outro e nunca de nós mesmos. Por esse ângulo, a crença de se viver na busca pela homogeneidade seria mais apropriada do que intensificar ou demarcar as diferenças?

O caminho ainda apresenta mais desafios quando se pensa na instituição: escola. A mesma, que se apresenta como instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como instituição guardiã das normas de gênero e produtora da heterossexualidade (BENTO, 2011).

Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil da disseminação (BENTO, 2011).

Nesse sentido, não há como culpar só a escola sobre tais experiências escolares, visto que a sociedade fomenta e dita que a normalidade está na heterossexualidade, como se ela não fosse produzida.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

A evasão escolar por parte dos sujeitos trans é real e perpassa pelas experiências dessas pessoas:

É limitador falarmos em evasão, no entanto, não existem indicadores para medir a homofobia de uma sociedade e, quando se fala de escola, tudo aparece sobre o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que “contaminam” o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não evasão (BENTO, 2011, p. 555).

Nesse sentido, a “evasão” dos sujeitos é mostrada através de uma “capa” pensada e estruturada para acontecer da forma como acontece e ainda é fomentada através de preconceitos e discriminações.

É comum que se pense a diferença a partir da diferença que existe no outro e tal fato discorre em uma identificação ou não daquela “tal” diferença como se fosse algo acabado e não maleável. Igualmente, na questão de gênero, não se pode lembrar da diferença apenas pelas vias biológicas, como um dado da natureza, nem tampouco presumir que o biológico define qualquer sujeito. Outros aspectos fazem parte da construção da identidade de cada um de nós.

Quando nada se faz em relação às premissas absolutas que determinam os “comportamentos aceitáveis”, ensina-se o que está dentro da normalidade esperada. As escolas podem escapar dessa normalidade compulsória, praticando a pedagogia do intolerável:

Temos assistido passivamente um processo de aniquilamento sutil e despótico das diferenças: seja sexual, racial, étnico, estético, entre outras, ao mesmo tempo em que há uma resistência cotidiana a esta processualidade de submetimento realizada por pessoas ou coletivos sociais excluídos, a pedagogia do intolerável não é a monumentalização da tragédia, do miserabilismo ou da vitimização. Nada tem a ver com isto. É a afirmação absoluta da vida, resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida, resistência inabalável ao aniquilamento e a uma vida não fascista que se faz a toda hora e todo dia e por cada um (ABRAMOWICZ, RODRIGUES e CRUZ, 2011).

Não se deve vitimar protagonistas que são vistos como “os diferentes” dentro da perspectiva do gênero e da sexualidade. Pensar através dessa perspectiva torna-se uma



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

atitude essencial para que não se caia nos dogmas impostos pela sociedade. Linhas de pensamento no contexto da subversão às normas e da coragem podem ser caminhos bem mais éticos para se pensar na vida cotidiana de cada uma dessas pessoas.

Mais uma vez, não se pretende considerar que a escola seja a responsável pelas questões aqui abordadas, o importante é contextualizar possíveis estratégias para convivências mais éticas nos espaços educacionais.

É possível construir as experiências nas escolas através das referências aqui citadas. Simples questionamentos aos dogmas já se apresentam como um possível caminho, visto que são repetidos e propagados há muito tempo na dinâmica escolar.

Sobre os questionamentos entre as dimensões da diferença e da diversidade que poderiam ser trabalhadas nas escolas, propõe-se desestabilizar os pensamentos já reiterados e tradicionais nos espaços formativos. Para além dos parâmetros propostos para atuação nas escolas, teve-se a intenção de abranger os discursos dos movimentos sociais que lutam por inserção social e política, atentando-se para que o exercício com a diversidade não escamoteasse as diferenças.

Necessário e contínuo há de ser esse movimento de estimular educadores para o exercício de uma educação antissexista e antirracista, caso contrário, a experiência pode se manifestar de maneira sutil, mas sempre de forma dolorosa para quem a recebe.

4. Conclusão

A reflexão apresentada sobre as possíveis afinidades e as possíveis discordâncias entre a diferença e a diversidade se deu com a intenção de cuidar dos perigos que acompanham os debates sobre as diferenças, como também dos dilemas de se negar tais diálogos nos espaços educacionais. Dessa forma, acredita-se que as experiências escolares daqueles que não se adequam ao binário masculino-feminino podem ser mais felizes e vividas inteiramente.

Essa conversa fomenta um acesso para os “fora da norma”, para os que não se “encaixam”. Discussão cada vez mais urgente quando se deseja uma sociedade



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

democrática. Nessa perspectiva, salienta-se o entendimento da diferença como algo que não se encerra.

É possível adentrar em um caminho de novas descobertas, um caminho de justiça social. Tais entendimentos se aplicariam de forma maleável, sem a utilização das distinções para julgar, já que quando se propaga uma ideia de que o “outro” é diferente, essa ideia já faz parte de um julgamento, mesmo que prévio.

Ajustar entendimentos sobre a diferença e a diversidade pode fomentar qualidade de vida aos indivíduos inseridos em grupos discriminados. A tentativa de invisibilidade imposta a esses sujeitos também é uma estratégia para que não se pense em maneiras de escamotear as estruturas hegemônicas de um grupo que decide: a sociedade heterossexual. Apesar dos muitos protagonistas existentes e da autonomia que a maioria desses sujeitos tomou em suas mãos, ainda é dolorosa a vivência para eles, sobretudo nas escolas.

Sensibilizar as pessoas para a dinâmica sobre tais questões, permitirá a composição de possíveis percursos, maneiras para que a sociedade se desenvolva e escute, e não seja pautada somente nas certezas que já se mostram frágeis diante de tantas possibilidades.

A afirmação do “somos todos iguais” sentencia a manutenção de uma estrutura que se apresenta como falida. Faria mais sentido a perspectiva do: “Eu sou diferente.” Uma maneira de se relacionar agregando e aprendendo é mais que aceitar, é trazer para si a diferença, como agregador do próprio eu.

5. Referências Bibliográficas

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n. 2. p. 85-97

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, RJ: Editora Garamond; 2006.



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 2011, n. 2, p. 549-559, maio-agosto. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. **Cadernos Pagu**. Campinas, ano 2006, n. 26. p. 329-376, janeiro-junho de 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-83332006000100014&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05 ago. 2019.

BRUNS, Maria Alves de Toledo; PINTO, Maria Jaqueline Coelho. **Vivência Transexual: o corpo desvela seu drama**. Campinas, SP: Editora Átomo; 2003.

BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, Regina Leite; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. (orgs.) **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2003. p.159-188.

“Declaração universal da UNESCO sobre a diversidade cultural”. UNESCO. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 29 de novembro de 2022.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Ángel I. Pérez (Org.). **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 13-26.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer I**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 96p. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/56198879/livro-um-corpo-estranho>>. Acesso em: 06 mar. 2019.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, Robson Amaral da. Para além dos discursos pós-estruturalista e pós-moderno sobre a diferença: educação escolar e pedagogia marxista. **Revista Histedbr**. Campinas,



Diversidade e Diferença - Caminhos que se entrelaçam e se repelem

n.65, 2015. Disponível em:
<<https://www.researchgate.net/publication/312657609> Para além dos discursos pos-estruturalista e pos-moderno sobre a diferença educação escolar e pedagogia marxista>. Acesso em: 4 de janeiro de 2019.

Texto recebido em 16/09/2020 e aprovado em 28/05/2021

DOI: 10.46269/10221.576